



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# 4 MASSAS

ÓRGÃO DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO  
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL  
ANO V - Nº 72 - 1ª Quinzena de agosto de 1994 - R\$ 0,35 - Solidário: R\$ 0,70

## ABAIXO O PLANO FHC

**NÃO AO CONGELAMENTO DOS SALÁRIOS POR UM ANO!  
NÃO ÀS DEMISSÕES!**

**REPOSIÇÃO DE TODAS AS PERDAS**

**SALÁRIO MÍNIMO REAL (550 DÓLARES)**

**ESCALA MÓVEL DE SALÁRIOS E DE EMPREGO**

**CAMPANHA NACIONAL DE LUTAS**

# VOTO NULO

## CONTRA A FOME E A MISÉRIA

### CONSTRUIR O PARTIDO

## OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO

## POR UM GOVERNO OPERÁRIO

## E CAMPONÊS

Inflação em real é provada com todos os índices

## Lutemos contra o congelamento dos salários!

O IBGE divulgou seu primeiro índice de inflação em real. Segundo o instituto federal, os aumentos de preços marcaram mais de 6% em julho. Este é um índice reconhecido pelo governo. A inflação da FIPE-USP passou dos 11% de 1 a 30 de julho. A cesta básica, que chegou a registrar pequenas quedas de preço, voltou a subir. O governo argumenta que esses valores são os restos da inflação do passado, do cruzeiro. Para os assalariados, não importa se os índices da alta de preços são remanescentes da inflação passada. O que importa é que os salários estão congelados desde março em URV e a inflação em real não está sendo incorporada. Os preços estão subindo em real e os salários, que já tinham perdido com a conversão pela média e com os saltos dos preços na passagem para o real, perdem ainda mais com os novos aumentos de preços.

O arrocho salarial é recessivo. Com a queda dos salários, cai o consumo e a produção. Os setores de eletrodomésticos e calçados já retomaram as demissões por causa da queda na produção. E o plano ainda tem outros aspectos recessivos, que vão agravar a situação. A supervalorização do real frente ao dólar está prejudicando as exportações. A manutenção do IPMF, que agora incide sobre um dinheiro valorizado, também afeta os custos de produção e encarece os produtos brasileiros. O governo aumentou algumas alíquotas de produtos importados para tentar atenuar as pressões recessivas, ainda sem nenhum resultado. Essa situação de supervalorização do real frente ao dólar não pode durar muito, senão vai quebrar muitos exportadores. Quando o real for desvalorizado, os produtos vendidos no mercado interno serão reajustados novamente. Isso servirá para pressionar ainda mais a inflação para cima.

Os bancos brasileiros, acostumados com a alta inflação, mantêm apenas 10% de seu faturamento vinculado a taxas e serviços bancários (no exterior essa taxa é de 70%). A maior parte de seus ganhos vem da especulação. Já anunciaram aumento de preços nas taxas e serviços bancários e demissões. Enquanto o governo mantém taxas de juros altas, ainda é possível manter lucros bancários com a especulação financeira. Mas logo os bancos pressionarão por juros ainda maiores, que fatalmente serão repassados a preços e tarifas.

Os grandes comerciantes levavam vantagens em receber dinheiro vivo nas compras em seus supermercados e lucrar alto sobre a inflação. Repassaram esse ganho do mês de julho aos preços, quando fizeram a conversão para o real. E quanto aos meses de agosto em diante? As redes de supermercados, justamente

esses que fixam os preços finais das mercadorias, ganham dobrado quando a inflação sobe. Por isso, eles têm todo interesse em elevar preços.

PT dá "apoio crítico" ao plano

As pesquisas de opinião sobre a campanha presidencial levaram o PT a mudar de discurso em relação ao plano. A direção petista julga que a queda de intenção de voto em Lula e a subida de Fernando Henrique se devem ao plano Real e ao episódio Bisol. Diante disso, buscam reverter o quadro eleitoral circunstancialmente desfavorável passando a apoiar os aspectos positivos do plano e criticando aqueles considerados negativos. Em outras palavras, passaram a apoiar criticamente o plano para tentar ganhar mais votos, seguindo os conselhos do ex-estalinista Roberto Freire. O próprio Lula aponta que a diferença fundamental entre a política econômica dele e a de FHC está na questão dos salários.

A mudança de discurso petista refletirá nas organizações de massa que ele dirige, particularmente na CUT e nos sindicatos. A linha do reformismo petista nos sindicatos será a de não atacar frontalmente o plano para não desgastar Lula frente à opinião pública. A burocracia sindical mostrará preocupação em relação aos salários, mas não se colocará pela derrubada do plano antinacional e antipopular. A prática da política de colaboração de classes levará a CUT e os sindicatos à paralisia diante do plano. A aplicação da linha eleitoral anulará as organizações de massa.

Por uma campanha de lutas para combater o congelamento dos salários e impedir as demissões

Um dos pontos essenciais do plano FHC é o arrocho dos salários, que permitirá aos capitalistas manterem seus lucros mesmo com a queda na produção. O plano é uma máquina de desviar dinheiro dos salários para os bolsos dos capitalistas. Mas também é recessivo e levará a mais demissões, quebras de setores da economia nacional e favorecimento do capital estrangeiro imperialista.

Não é possível ter uma posição intermediária em relação ao plano, como faz o PT. O plano tem que ser combatido como um todo e colocado abaixo para impedir o aumento da opressão nacional e social. Isso só pode acontecer através da luta nacional de massa, da ação grevista generalizada e unificada.

A defesa do salário e do emprego é o que existe de mais básico. Não se pode aceitar a fome e o desemprego que serão agravados com o plano. Lutemos contra o congelamento de salários! Exijamos a reposição de todas as perdas e a escala móvel de salário. Defendamos um salário mínimo real, que sustente o trabalhador e sua família (550 reais). Não aceitemos as demissões! Que se reduza a jornada de trabalho sem reduzir os salários, para que todos possam trabalhar.

Defendamos a independência de classe das organizações de massa. Não permitamos que sejam amordaçadas por causa do eleitoralismo dos reformistas. Exijamos a convocação de assembleias e plenárias de base para organizar a campanha nacional de lutas.

Abaixo o plano FHC!

Nacional



# Avança crise no governo

A aplicação da política econômica embutida no plano FHC tem agravado a crise do governo. No interior do aparato governamental, aumentam as pressões para que se aumente as tarifas públicas. O governo não atende às demandas dos ministérios porque sabe que aumentos de impostos serão repassados aos preços, e colocarão o plano em risco. Mas não aumentar impostos significa arcar com um déficit no orçamento público que também pressionará a inflação para cima. O programa de privatizações também entrou num processo de paralisia que amplia os choques entre as frações burguesas, umas pressionando pela efetivação da política entreguista ditada pelo imperialismo e outras tentando evitar sua quebra, pela relação de dependência com empresas estatais. As divergências em relação a essas duas questões, os reajustes e impostos e as privatizações, foram as causas da queda do secretário da receita federal, Osíres Lopes.

## Reajustes salariais: mais um ponto de crise

O governo já havia previsto índices diferenciados de reajustes salariais para os servidores, beneficiando os militares. Com isso, tentava conter o descontentamento nas casernas, crescente devido ao arrocho salarial. Mas nem mesmo ao redor dos índices se conseguiu chegar a um consenso no governo. Itamar foi obrigado a adiar

a decisão e tomá-la para si, porque pareceu impossível um acordo entre ministérios, Congresso e casernas.

## Irrigação no Nordeste? Mais uma fonte de corrupção

Itamar quer deixar o governo iniciando uma obra comparável às construções faraônicas do regime militar: desviar o rio São Francisco para o interior do nordeste, para irrigar as áreas que sofrem com a seca. O custo da obra acabaria com qualquer perspectiva de estabelecer um orçamento governamental sem déficit. Empurraria a inflação (e o endividamento público) às alturas. Setores oligárquicos parasitários da seca se opuseram por motivos particulares.

A seca no Nordeste poderia ser efetivamente combatida com bem menos recursos que prevê o projeto faraônico de Itamar. Mas é a formação oligárquica do Estado nacional imposta ao país pela opressão imperialista que impede que seja superado o atraso. As oligarquias regionais mantêm uma relação parasitária com o governo. Oligarquias de outras regiões (construção civil, principalmente) enxergam no projeto de Itamar a oportunidade de lucrarem uma fábula, independentemente dos resultados do mesmo em relação à seca. A fragilidade do regime político faz com que essas disputas oligárquicas ganhem destaque na crise do governo.

## Conflito expressa crise do regime

A crise do governo é consequência da crise do regime político. A burguesia divide-se em função da crise econômica capitalista e não consegue utilizar a democracia burguesa para superá-la. As frações lutam entre si para ver quem quebra e quem sobrevive à aplicação do neoliberalismo imposto pelo imperialismo ao país. A crise de superprodução só tem saída para os capitalistas através da destruição de parte das forças produtivas e reconcentração de mercados e capitais nas mãos do grande capital nacional e do imperialismo. Por isso se aplica uma política econômica que, além de massacrar os assalariados, corta na própria carne da burguesia.

Só a luta ant imperialista e anticapitalista que ponha abaixo o regime de exploração do trabalho pode dar uma saída progressiva à crise econômica e política.

NACIONAL



## O novo vice do PT defende a Reforma Constitucional

O deputado Aluísio Mercadante defendeu em entrevista ao Jornal da Tarde a necessidade da realização de uma nova revisão constitucional durante o mandato do futuro governo. Trata-se de uma capitulação do reformismo ao imperialismo, que pressiona para que o país abra o mercado, entregue as estatais do petróleo e das telecomunicações e aumente impostos para

garantir o pagamento dos encargos das dívidas interna e externa.

As posições de Mercadante, de privatizações parciais, reforma fiscal etc se somam à sua capitulação frente ao neoliberalismo. Por exemplo, Mercadante considera o processo de terceirização irreversível. Os assalariados sabem que a terceirização é uma forma das empresas não pagarem encar-

gos sociais, não concederem os direitos trabalhistas e diminuir a folha de pagamento, demitindo.

Como se vê, o PT fará um governo burguês autêntico. Os trabalhadores devem se opor a esse partido que fala em nome dos trabalhadores, domina os sindicatos e a CUT mas fará uma política de agrado à burguesia quando puder.

# A disputa eleitoral começa a mostrar a sujeira da politicalha burguesa

As frações burguesas utilizam as eleições para solucionarem seus conflitos e para arrastarem as massas a apoiarem o regime de dominação de classe e exploração do trabalho. Por isso, as eleições são decididas pelo poder econômico, ou seja, pela maioria das frações do capital.

A ascensão eleitoral de Fernando Henrique e a queda de Lula nas pesquisas de opinião expressam um reagrupamento de grande parte das frações burguesas ao redor do candidato da coligação PSDB/PFL. Essa é a questão fundamental, o restante é expressão desse fenômeno.

## As acusações contra Bisol

O senador José Paulo Bisol é figura conhecida na política. Foi eleito no Rio Grande do Sul ainda no PMDB. Depois mudou para o PSB e foi candidato a vice na chapa de Lula em 1989. Teve papel destacado nas CPIs do impeachment e da corrupção. Todos o conheciam muito bem. Mas, por que só agora vieram a público as denúncias de corrupção?

As frações da burguesia brasileira nunca estiveram tão divididas. A crise econômica capitalista e a aplicação da receita pró-imperialista de destruição da economia nacional são as causas desses conflitos.

Os choques interburgueses desagregam o regime político, e com ele os partidos. Assim, tem sido muito difícil as frações burguesas encontrarem candidatos ou partidos que expressassem autenticamente suas diferentes posições políticas. Já foi assim em 1989, quando a maioria burguesa foi obrigada a se agrupar ao redor de Collor, encarado como solução menos pior.

Para a maioria burguesa, a possibilidade da vitória da demagogia petista, por suas contradições internas (nacionalismo reformista recheado de traços neoliberais) e pela falta de ampla base parlamentar, certamente agravaria a governabilidade e a crise do regime. A efetivação de um plano econômico que conteve momentaneamente a escalada inflacionária criou as condições para ganhar apoio popular para o candidato do partido que mais decididamente tem defendido o neoliberalismo, o PSDB, e seu ex-ministro apoiado pelo imperialismo norte-americano, Fernando Henrique.

As denúncias contra Bisol foram levantadas agora e imediatamente se lançou uma campanha nos principais meios de comunicação para desgastar a imagem do vice de Lula e da própria Frente Popular. O que indica que todos amplos setores do grande capital estão empenhados em combater a alternativa de governo de "unidade nacional" ou "democrático e popular" e defender um governo de FHC. As denúncias de corrupção são instrumento para isso. Como sempre, só vão ficar em denúncias, nada vai acontecer a Bisol. Quanto à candidatura de Lula, já sofreu um grande golpe.

## A propaganda do plano Real

Outro fator que já influencia a eleição é a aplicação do plano Real. A supervalorização artificial do real frente ao dólar e a queda do índice de inflação são bandeiras de campanha. A burguesia tem feito a defesa do plano através de uma campanha que atinge todos os espaços possíveis. Até os setores do capital menos favorecidos com o

plano estão no momento em sua defesa, tendo em vista as eleições e os ganhos futuros.

Um dos ganhos com a campanha a favor do Real foi a mudança no discurso de Lula, do PT e da CUT em relação ao plano. Se antes se opunham, para não perder votos, o reformismo passou a ter uma atitude de apoio crítico ao plano FHC.

Os assalariados de menor poder aquisitivo percebem claramente que o salário ficou reduzido frente aos preços. Mas suas perdas continuam e as direções sindicais não querem luta contra o plano no seu conjunto, que desgastaria ainda mais a candidatura de Lula.

A classe média percebe a possibilidade de adquirir bens através de crediário a juros pagáveis, vê as mensalidades e os alugueis congelados e apóia o plano.

A utilização do poder econômico vai enfiando outro golpe eleitoral goela abaixo da população.

## Pesquisas fraudadas

Uma mostra de que há disposição do poder econômico de jogar pesado para elevar à presidência FHC foram as pesquisas do IBOPE, o primeiro instituto a registrar a queda de Lula. Descobriu-se depois que os questionários usados na pesquisa eram tendenciosos. Quando se referiam a Lula, perguntavam por exemplo se o entrevistado votaria em Lula, que defende a violência, as greves, as ocupações ilegais de terra etc. Ou se votaria em Fernando Henrique, que defende a paz social, é contra a inflação etc.

Com um resultado induzido, distorcido, iniciou-se uma campanha massiva nos meios de comunicação. Assim, os meios de comunicação acabam influenciando a opinião pública de acordo com a vontade dos detentores do grande capital. E mudaram também a linha de campanha do PT.

## A esquerda corrompida apóia Lula até no inferno

Os pseudo-trotskistas do PSTU e da Causa Operária mantêm seu apoio a Lula. O jornal do PSTU nº



20, de 22/07/94, afirma que "não nos surpreendeu as denúncias contra Bisol, nem a sua utilização como arma de combate eleitoral a Lula pela burguesia". Pede o PSTU que se convoque as bases dos partidos que compõem a frente e as organizações dos movimentos sindical e popular para escolher um novo vice para Lula (Bisol ainda não tinha sido substituído por Mercadante). Durante um mês o PT insistiu em defender Bisol, que só saiu por pressão das denúncias dos meios de comunicação. Em nenhum momento o PSTU cogitou sair da frente e não apoiar Lula, apesar da corrupção clara e evidente de Bisol. Mais: o PSTU não se surpreendeu com as denúncias. Os pseudo-trotsquistas mostraram sua fidelidade ao eleitoralismo: dispuseram-se a manter o apoio a Lula

mesmo que isso significasse apoiar o corrupto Bisol. Perguntamos aos militantes do PSTU e da CO: como é possível defender uma política classista e ao mesmo tempo um corrupto burguês? Estava ou não colocada a ruptura dessas correntes com a candidatura demagógica e corrompida e com a frente popular? É bom lembrar que a corrupção política é parte da conduta das classes exploradoras e leva à corrupção econômica.

Defender o voto nulo nessas eleições é defender a independência de classe

Os revolucionários sabem que é preciso intervir nas eleições porque a grande maioria dos explorados têm ilusões na democracia burguesa. Os marxistas não viram

as costas para essa questão e colocam como princípio a defesa do programa revolucionário, a denúncia da democracia burguesa que encobre a ditadura de classe da burguesia e a defesa da ação direta das massas. Se pudesse, o POR participaria dessas eleições com candidaturas próprias, sob esses princípios. Mas isso não é possível pelo seu caráter embrionário e pela legislação antidemocrática imposta pela burguesia. Assim, só resta a defesa do voto nulo, contra o candidato do imperialismo FHC e contra a mentira demagógica e eleitoreira do PT.

NACIONAL

## Combater a corrupção burguesa através dos Tribunais Populares

Já perdemos a conta de tanta corrupção. O Sr. Quércia ficou milionário da noite para o dia às custas das tramóias cometidas no palácio dos Bandeirantes e na prefeitura de Campinas. Hoje é um latifundiário, um grande empresário e candidato à presidência da República. Apesar das denúncias, a sua candidatura não foi impugnada pela Justiça Eleitoral.

Agora, surge a denúncia da fabulosa verba de ajuda ao sindicalista Medeiros (Força Sindical). Quércia deu 109 mil dólares para a realização de cursos de formação, através de um convênio entre a secretaria do Trabalho e o Instituto Brasileiro de Estudos Sindicais (Ibes). O candidato do PPR ao governo do Estado (Medeiros) é o presidente do tal Instituto. Este funcionava em uma sala do sindicato metalúrgico de SP. O fato é que ninguém sabe onde foi parar o dinheiro e muito menos se foi usado nos cursos. Não há nenhum documento que prova a existência desses cursos nem a listagem de quem participou.

Como se vê, trata-se de mais uma do quercismo em aliança com o direitista Medeiros. A verdade é que Quércia colocou dinheiro nas mãos de Medeiros para conter qualquer possibilidade de ação dos trabalhadores. Os sindicalistas vendidos utilizam o dinheiro público e se comprometem em amortecer a luta dos operários. São braços da burguesia e do Estado no interior dos organismos dos trabalhadores. Utilizam o sindicato como meio para suas negocia-

tas e agem como burocratas impedindo a democracia operária. Não é por acaso que Medeiros tem livre trânsito nas esferas governamentais, desfruta das mordomias próprias de pelegos e age em função dos interesses do patronato.

A corrupção é parte do Estado burguês e vem à tona nos momentos de agudização da crise de regime político. A classe dominante (burguesia) para se manter no poder procura de todas as formas atrelar os sindicatos ao próprio Estado. Para isso, age sobre os sindicatos (organismos de luta dos trabalhadores), através da conquista de suas direções. São essas migalhas e privilégios que acabam ganhando uma parcela das direções sindicais. Medeiros, presidente da Força Sindical, se vende em troca de esmolas do quercismo e malufismo e outros mais.

A luta contra a corrupção nos sindicatos e no Estado é parte da mobilização geral contra o regime de exploração do trabalho. A defesa da democracia operária (soberania das assembleias, controle das bases sobre as direções) é a tarefa fundamental para combater os burocratas vendidos. Construamos os tribunais populares para dar um basta aos pelegos e punir os bandos de ladrões, que se utilizam do dinheiro público para fins próprios. Medeiros, Quércia e outros mil devem ser julgados e punidos pelos tribunais populares. Só os trabalhadores organizados podem acabar com a corrupção, que é parte do capitalismo, destruindo-o.



# Curso Marxista de Formação Política

Está sendo realizado pela Frente Revolucionária um curso de marxismo para os sem-terra da Zona Leste 3. Partindo da experiência do Curso de Marxismo para Operários tem se desenvolvido o método de perguntas cuidadosamente selecionadas, de acordo com a experiência dos próprios trabalhadores, culminan-

do com conclusões marxistas. Ou seja, a partir das perguntas os organizadores conduzem o raciocínio dos trabalhadores para as conclusões marxistas. É um curso ativo, oposto às exposições acadêmicas. Os trabalhadores são parte ativa do processo de aprendizagem dos principais conceitos científicos do socialismo.

Através desse método já debatemos: as diversas sociedades (comu-

nismo primitivo, escravismo, feudalismo e capitalismo; A sociedade capitalista (burgueses e proletários); A separação entre os meios de produção e a força de trabalho; Luta de classes etc.

O esforço por compreender as idéias marxistas vem no sentido de elevar a consciência do trabalhador para o objetivo estratégico de construção do partido revolucionário.

Reproduzimos abaixo um panfleto contra as ameaças de morte, elaborados pelo movimento dos sem-terra da zona leste 3.

## Manifesto dos Sem-Terra Contra as Ameaças Repressivas

### As ameaças de morte serão respondidas com luta

#### Trabalhadores formemos os comitês de defesa contra a repressão e a opressão social

Já faz algum tempo que as lideranças dos sem-terra da região de Itaquaquecetuba e vizinhança vêm sendo perseguidos pelas autoridades políticas e policiais a mando das elites burguesas. E por que razão?

Justamente porque têm organizado os oprimidos contra a miséria e a falta de moradia, que têm feito de suas vidas um verdadeiro inferno. Toda esta região é um vasto conglomerado de famílias operárias, empobrecidas e vítimas do desemprego. A pequena minoria que explora o povo não admite que os sem-terra lutem sequer pelo mais elementar da sobrevivência, que é a moradia, o salário e o emprego.

Uma das formas de combater nossa organização e as ocupações de terra é reprimir as lideranças e ameaçá-las de morte. Lembramos que o assassinato de nosso companheiro de luta Benivaldo Conceição de Oliveira, em março de 1988, foi resultado dessas ameaças. Foi assassinato político, acobertado pelas autoridades policiais. Agora, com o agravamento da pobreza, devido à crise econômica capitalista, que tem aumentado o desemprego e o número de sem-terra, as ameaças à vida das lideranças se intensificaram. Na última manifestação de Guararema, dia 13 de junho, o prefeito

municipal cercou a cidade com um aparato policial para intimidar os sem-terra. Além disso, vem perseguindo os familiares dos manifestantes, no sentido de impedir que tenham acesso aos serviços da prefeitura, inclusive a creche.

Nós sabemos quem são os interessados, em Itaquaquecetuba, nos crimes políticos-sociais. No momento certo os denunciaremos e responderemos à altura. Os trabalhadores não se intimidarão com o terror da direita. Sabemos que onde houver luta, haverá repressão dos burgueses.

Inúmeros assassinatos de sem-terra e militantes têm ocorrido ultimamente em várias pontos do país. Eles expressam o choque entre os famintos e os ricos proprietários exploradores. A maneira eficaz de responder à violência dos milionários é organizarmos mais amplamente e unitariamente os movimentos de massa. Frente às novas ameaças em Itaquaquecetuba e outros acontecimentos violentos (assassinato recente de militantes do PT, do PSTU e outros mais antigos do PSB e PCdoB), chamemos as correntes políticas, os sindicatos e o movimento dos sem-terra a organizarem comitês contra a repressão e opressão social, vinculados aos movimentos e às aspirações dos trabalhadores.

Viva a luta dos sem-terra!

Defendamos a vida dos lutadores!

O terror da burguesia será respondido com mais luta!

Formemos os comitês de defesa contra a repressão e a opressão social!

Movimento dos Sem-Terra da Zona Leste 3

Denúncia



# Um ano de chacina da Candelária. Ninguém foi punido

Comemorou-se com uma missa, um abraço à igreja no local e um minuto de silêncio o aniversário de um ano da Chacina da Candelária no Rio, quando foram chacinados 8 adolescentes a sangue frio. A manifestação serviu ainda para os candidatos às eleições fazerem muita demagogia e propaganda eleitoral.

Até hoje, não se apurou quem foram os responsáveis pelo massacre. Continuam as mortes de menores e os assassinatos políticos. Ninguém é punido. Os massacres só têm sido utilizados para se fazer demagogia e se ganhar dinheiro fácil.

Os trabalhadores não podem aceitar calados os ataques dos gru-

pos paramilitares da burguesia. Trata-se de organizar a resistência aos massacres e à repressão política e social. O POR defende a construção dos Comitês de Luta contra a Opressão Política e Social, que devem ser construídos por todas as correntes que se reivindicam democráticas e comprometidas com os trabalhadores, e os Comitês de Autodefesa.

É na luta pelas suas reivindicações imediatas, salário, emprego, moradia etc. que os trabalhadores vão percebendo a necessidade de destruir o regime de exploração do trabalho e construir seu próprio governo de classe. A repressão burguesa obriga os trabalhadores a

criarem seus organismos de defesa que os levará a compreender a necessidade da luta direta para enfrentar a repressão da burguesia, e a impossibilidade de transformar a sociedade pacificamente. O fim da opressão política e social só virá quando acabarem as classes sociais, o que só poderá ser feito pela ditadura do proletariado que acabará com a burguesia opressora.

Denúncia

## Saúde: Avança a cólera no Brasil

O Brasil foi apontado, pelo próprios dados do governo, um dos campeões mundiais de cólera. A situação seria facilmente combatida se nas regiões mais pobres houvesse as condições mínimas de saneamento. Isto porque boa parte da população morre ou adocece por falta de água tratada e esgotos.

O Nordeste possui 96% dos casos dessa doença. Somente no Ceará, um dos estados mais atingidos pela cólera, já se registraram mais de 20 mil casos 1994. A situação calamitosa do Ceará se dá em função de que 61% da população não tem acesso à rede de água tratada e 93% não é assistida pela rede de esgoto. O retrato de Alagoas é muito semelhante a esse, porque somente 44,6% da população tem disponível a água tratada. No estado da Bahia só existe rede de esgoto para 5% da população e mais da metade dela vive sem água tratada.

Como se vê, a causa da cólera e de outras epidemias (por exemplo esquistossomose) é a miséria que se abate sobre a grande maioria dos estados brasileiros. São Paulo, o centro industrial do país, não fica fora desse quadro. Haja vista que mais de 30% da população também não tem acesso à rede de esgoto. É claro que quanto maior forem as condições de miserabilidade do estado mais facilmente será atingido pelas epidemias.

Entra governo, sai governo e a situação só piora. Nas épocas de campanhas eleitorais tem servido de recheio para os demagogos politiquieiros. Utilizam-se da miséria da população, das condições precárias da saúde pública e dos surtos de doenças para atrair

a população atingida. Basta se elege-rem para virarem as costas aos graves problemas nacionais. Essa tem sido a conduta dos partidos burgueses e também do reformismo petista.

O fato é que os governantes se curvam diante dos Planos antinacionais e antipopulares, que são ditados pelos credores internacionais. Esses planos têm como objetivo cortar ainda mais as verbas da saúde, moradia etc públicas. São acordos de pagamento da dívida externa às custas da sangria da economia nacional. É por isso que aumenta o desemprego, privatiza a saúde, educação etc. Por essa via, a miséria tende a crescer e com ela proliferam as epidemias.

A defesa das reivindicações elementares (salário mínimo real, emprego a todos, moradia aos sem-teto, terra aos camponeses pobres, saúde e educação gratuitas) e a luta direta para a conquista delas são tarefas imediatas da situação. O combate a cólera significa a defesa da condições de vida da maioria oprimida. É por isso que se choca com os planos neoliberais (como o FHC) e com a classe dominante que os encarna.



## Não à incineração do lixo sobre os operários

O governo municipal de Paulo Maluf aprovou na Câmara de Vereadores de São Paulo a instalação de uma usina de incineração de lixo tóxico (químico e hospitalar). A usina ficará no meio de bairros operários da região de São Mateus.

A prefeitura tentou enganar a população dizendo que a usina tem uma qualidade tecnológica avançada que impede a poluição e promete ainda outras melhorias. Só não explica porque uma usina tão moderna e tão limpa não estará instalada na zona sul de São Paulo, onde Maluf constrói seus túneis e viadutos para seus eleitores fiéis, mas num bairro operário da Zona Leste.

A usina pôde ser vista em funcionamento. O grupo ecológico Green Peace mostrou vídeos de cidades americanas onde esse tipo de usina funciona, e o que vimos é que ela joga no ar vários gases tóxicos (mercúrio, níquel, chumbo) além de sobrecarregar a região com várias toneladas de lixo.

Um negócio lucrativo

A VEGA SOPAVE, empresa lixeira de S. Paulo, irá lucrar com a exploração da incineração de lixo 20 dólares por cada tonelada nos primeiros 5 anos, 60 dólares após os 5 anos e prevê-se um funcionamento de 20 anos para a usina. O capitalista levará os dólares e deixará os pulmões e o sangue dos operários e de suas famílias contaminado de metais pesados.

Lutar contra a instalação da usina

Os movimentos populares convocaram algumas manifestações na região com o caráter de pressão sobre o parlamento, para tentar evitar a aprovação da instalação da usina. As propinas falaram mais alto e os parlamentares votaram a favor da VEGA SOPAVE. Esgotada a política de pressão sobre os parlamentares, cabe agora organizar a ação direta para impedir a entrada da usina, com a formação de barreiras piquetes. E chamar os sindicatos operários a convocarem a luta na defesa da saúde dos operários e suas famílias.

Denúncia

## Greve nas universidades paulistas

### O balanço da direção: Fórum das Seis

Ao terminar a greve de 37 dias, o Fórum das Seis (seis sindicatos de professores e funcionários das três universidades estaduais paulistas) fez um balanço em que pode-se ver todas as debilidades apresentadas pelo organismo ao longo da greve. No balanço político da greve, que consta em seu jornal de julho de 1994, diz: "Face a essa situação, o Fórum das Seis recomendou a deflagração da greve nas unidades para demonstrar ao Cruesp a insatisfação de docentes e funcionários face a proposta. No dia 24 de maio, oito dias após o início da greve, o Fórum, demonstrando disposição de diálogo, reduziu de 37% para 27% sua reivindicação de reajuste para maio". O trecho acima é uma prova flagrante que o objetivo do Fórum com a greve era o da negociação. Assim foi a negociação que limitou a greve e não a greve que determinou a negociação. A prova disso foi a redução vergonhosa do

índice de reajuste pleiteado de 37% para 27% de disso para 16%. A lógica da direção da entidade então foi a que diz: o que importa é negociar, mesmo que isso implique em colocar a luta em risco.

Mas o mais importante o balanço não diz: a greve foi derrotada porque não se transformou num movimento do conjunto da comunidade universitária contra o sucateamento imposto pelo governo estadual. Ao contrário da unificação, a direção do Fórum e das entidades estudantis mantiveram o movimento nos limites da luta econômica corporativa.

Apesar de tudo, ainda há tempo para manter a universidade pública viva. Mas isso depende da luta unificada, que só pode acontecer se se quebrar o corporativismo e se colocar o método da ação direta como alavanca, subordinando a negociação a ela e não o contrário, como foi feito.



Educação

**ESCREVA PARA O JORNAL MASSAS  
O JORNAL QUE DEFENDE A REVOLUÇÃO E A  
DITADURA DO PROLETARIADO**

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO  
NO NORTE E NORDESTE EScreva PARA  
CAIXA POSTAL Nº 221 - FORTALEZA - CE - CEP 60001-970



# A greve das universidades estaduais paulistas

Depois de 37 dias, acabou a greve das universidades estaduais em São Paulo. E acabou quando os reitores se negavam a negociar, se mantinham em posição intransigente. Apesar das pequenas conquistas da greve, o movimento não teve força para se impor e dobrar a resistência dos reitores, e foi derrotado.

Algumas conclusões podem ser tiradas:

1) Os estudantes não puderam se manifestar de conjunto. Sem sua ação, a greve acabou assumindo a feição de uma greve corporativa frente à população. O apoio formal das entidades colocou os estudantes em segundo plano, fora do movimento. Tratava-se de elevar a participação estudantil à greve unitária da comunidade universitária, em defesa da sobrevivência da universidade pública e gratuita contra o governo. Isso abriria caminho para projetar a luta para o conjunto da população e elevaria a força da greve a um novo patamar. A constituição da greve da comunidade universitária, as assembleias gerais universitárias e os comandos unitários de mobilização se constituiriam em mecanismos de luta unitária contra a burocracia universitária e o governo.

2) As direções do movimento não prepararam os professores e funcionários para uma greve longa. Após 15 dias de greve os boletins começavam a apontar: vitória próxima! A conjuntura mostrava o contrário: a) os governos federal, estaduais e municipais têm levado uma linha de destruição da educação e serviços sociais em toda a linha. Trata-se da aplicação do plano neoliberal, que prevê a destruição dos serviços sociais para manter a capacidade do estado em bancar os custos das dívidas interna e externa e manter a lucratividade do capital, inclusive com subsídios. A greve dos professores da rede estadual paulista, no ano passado, mostrou a firmeza do governo: 79 dias de greve e nenhuma conquista. Qualquer greve do funcionalismo que se choque com essa política deve estar preparada para uma greve de resistência, longa. b) A greve das universidades iniciou-se em meados do ascenso grevista de maio. Com o isolamento das greves e a derrota de uma por uma, colocava-se para quem mantivesse a luta uma resistência prolongada e a necessidade de projetar a luta para o conjunto da sociedade, buscando a unidade com outros setores e o movimento operário.

3) As direções do movimento estudantil constituíram-se em elemento de freio para a tendência de luta unitária dos estudantes em defesa da universidade. Prova disso é que em alguns lugares onde o reformismo não possuía enraizamento a greve estudantil se projetou e a unificação aconteceu. Os reformistas também não contavam com um movimento prolongado. Adiar qualquer envolvimento de conjunto dos estudantes. Não preceberam que a greve anunciada se chocaria contra o governo e se constituiria numa luta de defesa da sobrevivência da universidade pública contra o governo. Não se preocuparam em buscar a unidade com professores e funcionários antes da greve, nem durante. No caso da USP, principal universidade, o DCE e os CAs ligados a ele negaram-se a convocar uma assembleia geral de alunos da USP. Pressionados pelo

movimento grevista prolongado, chamaram uma assembleia com a antecedência de 10 dias, quando a greve já começava a descender. A greve acabou antes disso.

4) O Forum das Seis golpeou a mobilização ao rebaixar 2 vezes a reivindicação quando a greve ganhava força. A cada rebaixada de índice o movimento respondia com retrocesso da mobilização. A tal ponto que, quando o índice caiu para menos de 16%, as unidades começaram a voltar ao trabalho e a greve afundou. Não se pode tratar negociação salarial como negociação comercial. O índice de perdas não pode ser barganhado feito mercadoria. Se os reitores apresentam uma proposta, esta é levada à assembleia e aprovada ou não. Mas rebaixar índice, ainda que "aprovado" em assembleia, é negociar com o que não é propriedade sua e enfraquecer a luta. E não adianta vir com o argumento de que foi aprovado democraticamente em assembleia: as decisões sobre as propostas eram tiradas no Forum. Como uma assembleia de categoria iria dividir o movimento e encaminhar uma negociação separada com os reitores por um índice maior?

5) As direções do movimento estudantil, com variações de grau, têm responsabilidade pela derrota da greve por impedirem a manifestação de conjunto dos estudantes, através da assembleia geral e da greve estudantil que daria unidade ao movimento. Cabe ressaltar as ações corajosas dos alunos da Unicamp, que fizeram assembleia geral e pararam salas de aula, dos alunos residentes do Crusp, que ousaram invadir o restaurante para dividirem os alimentos e participaram da ocupação da reitoria da USP pelos funcionários, dos alunos da FAU e Química da USP, que entraram em greve junto a professores e funcionários, e dos alunos da Educação Física USP que, apesar de não conseguirem a unidade para uma greve, estiveram massivamente nas principais atividades da greve. Se essas condutas se generalizassem, seria difícil impedir a ação unitária.

6) A conclusão principal é a de que é necessário transformar a luta salarial em luta da comunidade universitária em defesa do ensino superior público e gratuito, contra a ação sucateadora e privatizadora dos governos.

Adquira o balanço completo da greve com o distribuidor deste jornal.

Educação



# Professores- São Paulo

## O que está por trás do Plano Decenal

Na última semana de agosto se realizará o Congresso Estadual da Apeoesp. Um dos temas em debate é o Plano Decenal para a educação. Reproduzimos abaixo a nossa colocação sobre a reforma educacional proposta pelo governo.

Educação

O "Plano Decenal de Educação para Todos", foi o resultado de um acordo firmado com os organismos das metrópoles imperialistas, como a UNESCO, UNICEF, Banco Mundial etc, em março de 1990. O Brasil assumiu o compromisso de "garantir a satisfação das necessidades básicas de educação de seu povo". Para isso, o Ministério de Educação elaborou um Plano, que contou com um Comitê Consultivo, formado por entidades como: CNI (Confederação Nacional das Indústrias), CNBB, OAB, CNTE etc., responsáveis pela Semana Nacional de Educação para Todos (maio de 1993). Em seguida, realizou-se uma reunião (novembro) sobre o Plano, que contou com a presença da CUT, CGT, SESI, SENAC etc. Como se vê, o governo procurou desde as Centrais Sindicais até os empresários com o objetivo de selar um compromisso de sustentação das medidas educacionais contidas no Plano Decenal.

A essência do Plano está em que o governo se compromete, no prazo de 10 anos, ampliar o ensino fundamental, eliminar a repetência e a evasão escolar. Conta com os recursos vindos do Banco Mundial, da iniciativa privada, do gradual aumento do gasto público em educação no PIB (chegando aos 5,5%) e da boa vontade dos Estados e Municípios. Como no Nordeste a situação é mais grave (Estados com metade da população analfabeta), o governo financiou 418 milhões de dólares do Banco Mundial e inves-

tiu 317 milhões de dólares no ensino fundamental, que incluem capacitação de professores, construções, livros didáticos etc. As denúncias de corrupção, de clientelismo etc. são tantas que dificilmente esses dólares chegarão até a sala de aula. É só lembrar das denúncias na época da CPI do Orçamento.

Por aí é possível ver que as metas não serão atingidas. Isto porque depende do crescimento do PIB (estamos vivendo uma recessão), do pagamento das dívidas interna e externa (para que não haja corte de financiamentos por parte do Banco Mundial), da eliminação da corrupção (a experiência da CPI foi um fracasso), do aumento do salário mínimo para 500 dólares (para que as crianças possam freqüentar as aulas sem necessidade de abandonar em épocas de colheitas ou por motivo de trabalho), do emprego a todos (oferecendo postos de trabalho para mais de 20 milhões de desempregados) e a saúde pública e gratuita. O que significa dizer que a erradicação do analfabetismo no país depende da transformação da base econômica. Sob o regime de exploração do trabalho não se elimina os analfabetos, a repetência e muito menos a evasão escolar. É tarefa que a classe dominante, os órgãos humanitários do imperialismo e o grande capital nacional não poderão realizar.

A demagogia de que o professorado recebe em média 200 dólares mensais (o que não é real) e que é preciso valorizá-lo, resultou na proposta de aumentos graduais, através de um Plano de Carreira. Concretamente, nada. O magistério necessita do piso nacional, equivalente ao salário mínimo real (por 20 horas trabalhadas), não para daqui 10 anos, mas para agora. Trata-se da sobrevivência mínima do magistério, sem a qual não é possível falar em reciclagem, dedicação exclusiva à escola pública etc.

A autonomia contida no Plano é a mesma que Fleury ofereceu à escola-padrão. Tem a Caixa de Custeio, mas não vem dinheiro, tem a liberdade pedagógica, mas não tem recursos para desenvolver nenhuma atividade extraclasses ou mesmo na escola. Isso não é autonomia. Ao contrário, a autonomia é o controle total da escola pelos trabalhadores em educação, pais e alunos, cabendo ao governo financiá-la com verbas necessárias. Quem dirige a educação são aqueles diretamente envolvidos e não as Secretarias, Delegacias, Ministérios, Empresários, Igreja etc.

O absurdo é a posição da diretoria de querer comparar o Plano Decenal com a LDB e mostrar que a LDB é mais avançada. Ora, quem não sabe que a LDB é privatista. Que não atende as reivindicações históricas do magistério (por exemplo salário mínimo real, como piso nacional por 20 horas). Que mantém os subsídios estatais para as escolas comunitárias (como as PUCs). O Congresso da Apeoesp deve rechaçar essa posição e levantar as nossas reivindicações, bem como os métodos próprios para arrancá-las dos governos.

A falência do ensino é parte da decomposição do sistema capitalista. Os cortes que vêm sendo feitos à escola pública são exigências dos credores, através dos Planos neoliberais. A defesa do ensino gratuito, fim do analfabetismo e evasão escolar implica na luta contra o neoliberalismo, que tem como centro a privatização dos serviços públicos. É através da ação direta e na defesa das reivindicações elementares que os trabalhadores poderão derrotar as medidas antinacionais e antipopulares. É através do combate dos educadores e o conjunto dos oprimidos adquirirão a consciência de que o acesso a todos à educação é parte da transformação do sistema econômico imperante. E que não é possível defender o ensino gratuito sem que se trave uma luta pelo fim da rede privada, porque o seu crescimento se faz em detrimento da estatal.

Do ponto de vista do ensino, só haverá assimilação de conhecimentos desde que a escola esteja ligada à produção social. O que implica na participação rotativa dos alunos em todos os setores produtivos. Os conhecimentos se adquirem da experiência concreta (teoria e prática). A separação faz com que a escola seja uma somatória de suposições ditadas pelos acadêmicos e repetida mecanicamente pelos alunos. É por isso que defendemos: a escola única, ou seja, um único sistema de ensino estatal e sob o controle dos trabalhadores, onde os alunos permanecem uma parte do tempo na escola e outra nas atividades produtivas. O maior laboratório para a assimilação de conhecimentos é a produção social, porque faz com que os alunos compreendam a realidade, através das leis que são próprias do sistema econômico em que vive. As propostas administrativas e pedagógicas que não tocam na raiz do problema estão fadadas ao fracasso.

## Por uma verdadeira campanha salarial unificada

### Organizar os comitês de greve nas fábricas e bairros

### Preparar a greve geral por tempo indeterminado

O Plano FHC (Plano Real) só trouxe para os trabalhadores o confisco salarial, mais arrocho, elevação da cesta básica e aumento de tarifas (transportes etc). Os salários foram congelados por um ano e os preços foram ajustados e continuam sendo corrigidos nas alturas. A inflação no primeiro mês de vigência do plano é de mais de 6%.

O salário mínimo foi fixado em 64,79 reais e a cesta básica era de 70 reais. Agora o salário permanece o mesmo e a cesta básica foi para 104 reais. Sem dizer que o desemprego aumentou com o fechamento de algumas fábricas, como exemplo a de calçados de Franca. O que quer dizer que a maioria mais pobre da população ficou ainda mais miserável. Não adianta o governo fazer demagogia de que os assalariados saíram ganhando com o plano, porque a realidade é bem outra.

O momento exige a unidade dos trabalhadores para derrotar a sanha dos capitalistas e os planos econômicos de fome e miséria. Já perdemos muito tempo com as vacilações das direções cutistas e as conseqüências têm sido muito duras. Os atos isolados e as greves por fábrica pouco ou quase nenhum resultado trouxeram, porque o pla-

no foi implantado, o arrocho está aí e o desemprego está correndo solto. É hora de iniciar uma campanha salarial unificada, com a perspectiva da greve geral contra o Plano FHC e em defesa das reivindicações vitais.

Os bancários, petroleiros e químicos acenaram com a campanha unificada. As perdas vão de 40% a 139%. Os patrões já disseram que os sindicatos cutistas desconsideram as regras do Plano Real e pedem as perdas anteriores ao plano e as acumuladas após a conversão em URV. Para o patronato e o governo não há reposição de perdas anteriores, porque a regra foi a média dos 4 meses anteriores a março. E por isso o máximo de reposição está em torno de 5%. Como se vê, para se obter qualquer reposição mais significativa terá que ser travada muita luta.

Os patrões e o governo iniciaram uma campanha de que a concessão de reajustes salariais quebraria o objetivo essencial do plano, pois haveria que repassar aos preços. Ora, esses já estão super-valorizados. O que está congelado é o salário.

Nesse sentido, a campanha salarial unificada deve ter como centro o chamado a todas as categorias em torno da reposição das perdas, sa-

lário mínimo real, escala móvel de reajustes e emprego a todos. A perspectiva é a da greve geral. É por isso que apontamos a necessidade da construção dos comitês de greve nos locais de trabalho e nos bairros para que possam contrapor às vacilações da burocracia sindical, de esquerda ou de direita. Os organismos de base possibilitam combater duramente os vendidos pelegos da Força Sindical, que vivem elogiando o Plano Real.

As direções traidoras dirão que uma greve geral contra o Plano atrapalharia as eleições presidenciais. E que o momento é a eleição e no futuro o salário e o emprego. Nesse conto de vigário nenhum trabalhador deve cair.

Movimento Operário



#### Têxteis-SP:

## Por uma assembléia geral para organizar a luta na campanha salarial

Os operários têxteis começam a discutir a campanha salarial. Uma das primeiras questões colocadas pelos trabalhadores é o desconto da contribuição assistencial que impõe a direção pelega todos os anos. A aprovação dessas taxas que lhes permite encher os bolsos às custas da fome dos têxteis depende de ter assembléias controláveis. Como nunca mobilizam para a luta nas campanhas salariais, as assembléias podem ser manipuladas e se aprova o desconto para toda a categoria.

O sindicato deve ser independente politicamente para poder defender a fundo as reivindicações dos operários. Para que isso aconteça, não pode depender economicamente dos capitalistas. Assim, são os operários que devem livremente sustentar financeiramente o sindicato. Uma direção de luta não impõe descontos obrigatórios, e sim faz campanha para que o

trabalhador compreenda a necessidade de ter um instrumento de luta nas mãos. Os pelegos fazem exatamente o contrário. Afastam os operários do sindicato, aprovam na surdina o desconto assistencial e fecham conchavos com os patrões para que estes descontem o assistencial dos salários dos operários. Como depende do desconto feito pelos patrões, o sindicato passa a depender da relação com os patrões e perde independência política. Assim, não defende as necessidades dos operários, mas da burocracia pelega. Os patrões enxergam nos pelegos colaboradores indispensáveis para manter a superexploração.

Contra o desconto obrigatório e o arrocho salarial, o remédio é o mesmo: preparemos a campanha salarial, exijamos as assembléias massivas e a formação de comandos de mobilização para dirigir a luta.

## A luta por terra e teto de Vila Socialista aponta para sua continuidade:

### A constituição do movimento socialista independente pela terra

Movimento

As 224 famílias de ex-ocupantes de Vila Socialista que se encontravam nos alojamentos provisórios mudaram-se para os apartamentos. Depois de um ano morando na escola dividindo uma sala de aula entre 12 famílias e mais dois anos em alojamentos provisórios sem nenhuma segurança, os lutadores conquistaram moradia. Toda a resistência iniciada em 11 de dezembro de 1990 tem hoje sua continuidade na defesa de apartamentos a todos os ocupantes de Vila Socialista. E na defesa da unificação dos movimentos, no fortalecimento da luta direta e das assembléias massivas dos sem teto.

Uma grande caravana com 14 ônibus estava sendo preparada para o mês de julho. O governo, temendo a pressão dos sem teto, preferiu marcar uma negociação com o movimento. Comprometeu-se

com a construção imediata de mais 300 apartamentos.

O movimento está se organizando e se fortalecendo rumo a uma grande luta e manifestação no próximo período em defesa de casa para todos. Em defesa do controle pelo movimento das finanças investidas e das obras executadas, e de prestações nunca superiores a 15% do salário para quem ganha até 8 salários mínimos de fome.

#### Contra os mutirões

O movimento dos sem teto está compreendendo que não deve deixar o estado dos capitalistas lhe explorar em dobro. Os mutirões representam esse trabalho dobrado: um trabalho de toda a família operária que não é remunerado. Por isso se reivindica agora que as construções sejam feitas através de frentes de trabalho remuneradas, dispensando as empreiteiras. Elas impõem a política habitacional em benefício da especulação imobiliária. Nada de dar mais lucros a elas.

### O que está por trás do sensacionalismo em torno do tetracampeonato

O futebol, mais ainda que outros esportes, é utilizado pela burguesia para manter sua dominação de classe e a exploração do trabalho. Através dos meios de comunicação de massa, que estão nas mãos de 9 famílias no Brasil, os capitalistas impõem aos operários sua dominação cultural e ideológica. Pretendem impor aos assalariados que não discutam os problemas que realmente o afetam, porque isso poderia implicar na luta de classes. O futebol é usado como um amortecedor da insatisfação popular.

Os conceitos pregados pela imprensa burguesa reforçam as idéias de competitividade, do oportunismo, da euforia pela conquista dos títulos. Com esses conceitos, consegue-se enfiar mais facilmente a dominação de classe pela goela dos trabalhadores.

Também fortalecem os papéis sociais impostos pela produção capitalista, justificando-os: a alguns cabe a tarefa de pensar e dirigir, a outros a tarefa de executar sem contestar. Isso pode ser visto na relação entre técnicos e dirigentes sobre os jogadores. A corrupção e a grande quantidade de dinheiro envolvida no negócio são o recheio da ilusão que se cria nos operários.

Essas idéias são reproduzidas desde os

grandes acontecimentos esportivos estampados na grande imprensa até o futebol de pelada dos bairros operários. A maioria dos times têm um dono (um dirigente) que pensa e decide tudo. O dirigente é o que faz tudo pelo time e o melhor dirigente é aquele que arruma empresário para patrocinar.

O esporte em geral e o futebol em particular precisam se libertar dessa camisa de força imposta pela burguesia para manter e aprofundar a exploração. Deve ser um instrumento dos oprimidos, praticados coletivamente por estes e em benefício de sua cultura de classe, de sua união, de sua independência política e financeira.

A Associação Centro Comunitário da região Serraria em Diadema e seus associados esportistas estão engatinhando rumo ao esporte praticado independentemente dos valores impostos pela burguesia, identificando e analisando a imposição feita pelos capitalistas.

Mas sabemos que o fim da utilização dos esportes como meio de exploração capitalista e de manutenção da dominação ideológica burguesa passa pela destruição do capitalismo através da revolução proletária.



## **Caso Lula (PT), outro exemplo de capitulação total frente ao capitalismo imperialista**

**O PT de hoje é o resultado da vitória do reformismo estalinóide, colaborando com a burguesia. Não busca a revolução**

A experiência do PT brasileiro tem constituído uma frustração para alguns grupos trotskistas que esperavam que esse partido pudesse permitir-lhes pôr em pé um poderoso partido revolucionário. Gradualmente foi cedendo diante das tendências colaboracionistas, reformistas, eleitoralistas e estalinóides, o que obrigou o inefável Lula a expulsar aos que se dizem trotskistas, em todos os casos em que estes não agachavam a cabeça diante das decisões ditatoriais do caudilho que sonha em converter-se em presidente "constitucional" do Brasil.

O PT de hoje não é outra coisa que a vitória do colaboracionismo-reformista sobre as correntes revolucionárias. Na atualidade temos uma tendência eleitoralista disfarçada de "socialistas" com fins propagandísticos.

O eleitoralismo barato - isto quando no Brasil se potencia a tendência abstencionista - obriga a Lula a acentuar a orientação reformista e pró-capitalista do PT.

A questão fundamental para os revolucionários não está em discutir se o PT ganhará ou não as eleições, mas sim que a política deste é totalmente contrária aos interesses do proletariado e da revolução. O futuro do movimento trotskista depende em grande medida da atitude que se assuma frente à inconfundível direitização do candidato, dito "socialista" Lula.

**Miséria do eleitoralismo: o PT pode ganhar o controle de parte do governo, não destruir o poder econômico da burguesia**

Supondo que o candidato Lula ganhe as eleições, por uma vantagem maior ou menor de votos, não significa que o Brasil se transforma pacificamente de país capitalista atrasado em socialista ou comunista. Os latino-americanos têm uma amarga experiência acerca dos resultados do eleitoralismo de natureza burguesa.

A lição sangrenta da UP (Unidade Popular) chilena ensina que os "socialistas" que ganham as eleições chegam a controlar unicamente uma parte do governo, não a integridade do aparato estatal e que estão muito longe de destruir o poder econômico da burguesia, que é fundamental.

Lula presidente estará condenado a ser violentamente deposto senão executar seriamente os interesses da burguesia e do imperialismo e, se

não quer correr este risco, não terá outro remédio senão trair os interesses populares e converter-se em agente incondicional da burguesia e do imperialismo.

Tudo o que vem sucedendo nesse terreno ensina que o único caminho que conduz à destruição do capitalismo (esta é a tarefa histórica que nos apresenta) é a insurreição. O parlamentarismo desemboca inevitavelmente no colaboracionismo classista e no reformismo. O PT não é partido revolucionário, porque o que está fazendo não é outra coisa do que esforçar-se para ganhar a confiança dos capitalistas.

**A fórmula de fusão do livre-comércio com restos de cooperação com o capitalismo**

Lula tem realizado um volta pela América do Norte, Sul da África e Europa, com a finalidade concreta de ganhar a confiança dos governos imperialistas e das multinacionais. Tem dito a todos a grito aberto que o PT não é uma ameaça para os capitais estrangeiros nem nacionais e que ambos gozarão igualmente do trato benévolo que oferece Lula se chegar ao poder.

Sua fórmula milagrosa, que consiste em unir o livre comércio (neoliberalismo) com os restos do protecionismo ou estatismo decadente, não é outra coisa do que ganhar confiança dos exploradores, em troca de seu servilismo e de sua promessa de que se inclinará atrevidamente em favor dos capitalistas, ainda que sabendo que isso importará um grave atentado contra os trabalhadores.

Podemos adiantar com clareza que Lula na presidência da República atuará como inimigo dos pobres e como instrumento incondicional dos exploradores. Quanta falta faz no Brasil de um partido revolucionário, que possa orientar os oprimidos e conduzi-los para o caminho da revolução proletária!

Guilherme Lora

Internacional



## A cólera agrava a situação em Ruanda

# Fora o imperialismo francês e americano!

A guerra civil em Ruanda expressa o atraso imposto pelo domínio imperialista e a disputa entre França e Bélgica pelo controle do país. Hutus e Tutsis continuam a guerra e agora a mortalidade cresce com o avanço da cólera. Calcula-se que cerca de 1800 pessoas morram por dia infectadas pelo cólera.

Os Estados Unidos preparam-se para enviar tropas para Ruanda. Enquanto isso, os franceses começam a deixar o país.

Na disputa entre as frações do imperialismo, quem paga a conta são os africanos, com

a morte em massa, pela fome, doença ou guerra civil.

O fim do atraso, das doenças causadas pela miséria e das guerras entre clãs na África só virá com o fim da opressão nacional imposta pelas potências. Para isso é preciso fazer a revolução proletária.

Os trabalhadores do mundo todo precisam se solidarizar com os africanos e exigir a retirada imediata do imperialismo. Se americanos franceses obtêm vitória na ocupação, abre-se caminho para novas intervenções. Sua derrota é um ponto a mais na luta do proletariado mundial pelo fim da exploração nacional e social.

Internacional

## Haiti encontra-se às vésperas de invasão americana

Decolou no último dia 31/07 o último avião da Air France de Porto Príncipe. Agora, além do bloqueio por mar, o imperialismo impõe o bloqueio aéreo sobre a ilha. Espera-se uma invasão em poucos dias, porque há deslocamento de tropas americanas para lá.

O Haiti está com um governo ditatorial militar, que depôs o presidente eleito Jean Aristide. O imperialismo americano está usando isso como pretexto para

invadir a ilha. Durante as ditaduras dos Duvalier, aliado aos americanos, nunca os EUA cogitaram uma invasão para restaurar a democracia.

O povo haitiano tem aversão ao domínio americano. Não têm recursos para uma defesa militar, mas até pó de ossos de defuntos aidéticos será usado contra os americanos.

Os revolucionários compreendem que diante de um confronto entre um país oprimido, semico-

lonial, e o imperialismo, trata-se de se contrapor ao imperialismo, mesmo que assim se faça um bloco com uma camarilha ditatorial como a que dirige o Haiti, incapaz de opor qualquer resistência à invasão.

A luta contra a opressão nacional pode despertar os haitianos para a necessidade de varrer com a burguesia que submete a nação ao imperialismo e fazer a revolução proletária.

Reproduzimos abaixo trecho de proposta de tese apresentada por Guillermo Lora, dirigente do POR boliviano, ao Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional. O documento esteve em debate na Conferência que se realizou no final do mês de julho, na Bolívia. Nos próximos números do jornal, publicaremos as principais resoluções do encontro.

## Tarefas que Deve Cumprir o Comitê de Enlace.

O Comitê de Enlace surge no meio da queda mundial do stalinismo, acompanhada de uma acentuada crise do movimento trotskista internacional, com a firme decisão de por em pé a IV Internacional, por ser uma tarefa que deve ser cumprida agora e não nas calendas gregas.

O Comitê de Enlace conseguiu agrupar pequenos grupos em alguns países latinoamericanos, o que determina sua debilidade. Um dos seus acertos foi a publicação da "Revolução Proletária" como revista teórica. A circulação do primeiro número apresentou resultados positivos, ainda que limitados.

Tudo faz supor que as próximas edições conseguirão aumentar a influência do Comitê.

A realização do seu primeiro Congresso permitirá uma discussão coletiva entre as diferentes seções para elaborar a linha política internacional. É de se esperar que a difusão ampla dos documentos conseguirá potenciarmos numericamente. O estado atual da organização se converte em um fator negativo na marcha da seção boliviana que é por hora uma das mais importantes.

A tarefa central do Comitê de Enlace é, sem a menor dúvida, a de por em pé seções nacionais onde existem alguns contatos, muitos deles individuais.

Este trabalho tem que ser essencialmente teórico, pois se trata de ganhar ideologicamente os elementos revolucionários e certamente alguns que se desprenderam dos velhos partidos comunistas, reformistas e até social-democratas.

O Comitê de Enlace deve demonstrar, desde já, ter a capacidade suficiente para assimilar criticamente todo aporte de suas seções e do movimento operário mundial.

Para o Comitê constitui um grande desafio poder enriquecer-se no aspecto teórico e se potenciar organizativamente através da assimilação crítica da rica experiência, quase sempre positiva, do POR boliviano. Ao mesmo tempo será de muito proveito a mais ampla difusão do rico material autocrítico que nos oferece a partido altiplânico. O projeto de difundir internacionalmente as obras completas do trotskismo boliviano será de muito proveito caso se realize a deve merecer o apoio decisivo do Comitê de Enlace. Ao mesmo tempo ajudará muito o Comitê na superação autocrítica de todos os erros e fracassos do trotskismo a nível mundial.

Guillermo Lora  
março de 1994.

